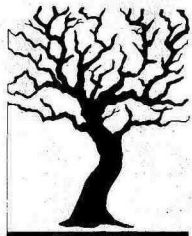


Calor quase mata Brasília: 30,4 graus

No dia mais quente do ano, chope e sorvete fazem a festa. Chuva? Ainda demora

Nem só Ayrton Senna bate recordes. O Instituto Nacional de Meteorologia (Inemet) registrou ontem em Brasília a mais alta temperatura do ano: 30,4 graus. A cidade está morrendo de calor e indisposta com a baixa umidade relativa do ar, que no final de semana chegou a 17 por cento, o menor índice de 1987, e ontem subiu, felizmente, para 25 por cento. E não adianta os mais otimistas acharem que as nuvenzinhas no céu significam chuvas em breve: o Inemet não prevê a chegada da ansiosamente esperada chuva nem hoje nem amanhã.



Provavelmente a frente fria que atinge o sul do País venha para a cidade, mas somente daqui a alguns dias. Enquanto isso, a cidade sonha e reza. Sonha com uma praia ou, ao menos, com uma piscina, tão distante numa segunda-feira abafada e atarefada como a de ontem. Reza para que o hoje não seja tão quente e seco e, principalmente, pela chegada da chuva que, em 1986 e 1987, só apareceu depois do dia 20 de setembro.

O brasiliense também sai em busca de opções refrescantes para suportar as agruras do clima do Planalto Central. Ontem foi um dia de glória para a "loira gelada", mais requisitada do que nunca. Não foram poucos os que cederam

sem resistência a uma boa cerveja ou chope em plena segunda-feira. Mesmo no horário de trabalho, os bares e lanchonetes receberam bom número de fregueses.

José Osmar Claudino é um feli-zardo. Não precisou dar desculpas ao patrão que, compreensivo, deu uma pequena folga para tomar três chopes no Conjunto Nacional. "Tá calor demais, é um absurdo", diz, depois de um gole da bebida. Marinalva Parreira, policial lotada na Delegacia de Planaltina, concorda com José Osmar. Acompanhada de uma colega, ela se deliciava com um chope gelado depois do trabalho.

Mãe de duas crianças, diz que os filhos têm conseguido suportar o calor graças a muito sorvete, suco e "din-din". Aliás, o tal "din-din" parece ser um achado das crianças e adultos também.

O calor que atrapalhava os negócios de Hamilton beneficiava as vendas de sorvetes. Vânia Nunes, responsável pela venda de sorvetes na saída das lojas Americanas, no Setor Comercial Sul, vendeu ontem 12 latões, com 10 litros cada. Em dias com temperaturas mais amenas, a saída do produto se resume a oito latões.

No entanto, o grande campeão na preferência popular foi o singelo copo de água. Em uma lanchonete do Conjunto Nacional, os copos de água mineral, a Cz\$ 50, ocupavam por pouco tempo parte do armário, mas não eram encontrados gelados. "Não dá tempo para gelar, é só encher o freezer que sai tudo", comentou a balconista Marlene Viegans.

BETH MUNHOZ



Fila em sorveteria: a cena urbana mais comum em um dia de obsessão coletiva por coisas refrescantes